

## DOCÊNCIA DE MARIA FERNANDES EM QUIXADÁ-CE NA DÉCADA DE 1970

### TEACHING BY MARIA FERNANDES IN QUIXADÁ-CE IN THE 1970

Francisca Risolene Fernandes<sup>1</sup> - FMH  
Francisca Genifer Andrade de Sousa<sup>2</sup> - UECE  
Francisca Mayane Benvindo dos Santos<sup>3</sup> - UFC

#### RESUMO

Trata-se de um estudo biográfico ancorado na História Cultural e na História Oral como metodologia. O objetivo foi biografar Maria Fernandes, uma mulher descendente de uma família interiorana de Quixadá-CE que, ao se dedicar à alfabetização da filha primogênita, tornou-se professora de outras crianças no lugarejo onde vivia. Os dados foram coletados mediante entrevista livre com a biografada e entrevista via aplicativo *WhatsApp* com a sua filha primogênita. Os resultados possibilitaram inferir que Maria Fernandes foi uma mulher pouco escolarizada do interior cearense, mas que se diferenciava dos seus pares, que sequer sabiam ler ou escrever e, por isso, atuou como professora leiga na década de 1970, tendo sido suas práticas marcadas por uma educação de caráter tradicional com foco na alfabetização, na aprendizagem vertical e mnemônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Educação; Professora leiga; Interior cearense.

#### ABSTRACT

It is a biographical study anchored in Cultural History and Oral History as a methodology. The objective is to write a biography of Maria Fernandes, a woman descended from a rural family from Quixadá-CE, who, after dedicating herself to the literacy of her eldest daughter, became a teacher of other children in the village where she lived. Data were collected through a free interview with the biographer, and an interview via *WhatsApp* application with her eldest daughter. The results infer that Maria Fernandes was a woman with little schooling in the interior of Ceará, but who was different from her peers, who did not even know how to read or write, and therefore, she worked as a lay teacher in the 1970s, her practices being marked by traditional character education with a focus on literacy, vertical and mnemonic learning.

**KEYWORDS:** History of Education; Lay teacher; Ceará countryside.

DOI: 10.21920/recei7202282810991115  
<http://dx.doi.org/10.21920/recei7202282810991115>

<sup>1</sup>Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Gestão Escolar e Alfabetização e Multiletramentos pela UECE. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA). E-mail: [profarisolenefernandes@gmail.com](mailto:profarisolenefernandes@gmail.com) / ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9017-2142>

<sup>2</sup>Doutoranda em Educação pela UECE. Mestra em educação pela UECE. Membro do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO). E-mail: [geniferandrade@yahoo.com.br](mailto:geniferandrade@yahoo.com.br) / ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8280-3250>

<sup>3</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE/UECE. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: [mayanebenvindo@gmail.com](mailto:mayanebenvindo@gmail.com) / ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4923-3759>

## INTRODUÇÃO

A escrita deste trabalho tornou-se viável mediante aprofundamentos teóricos fomentados pelo grupo de estudos Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (Pemo), vinculado à Universidade Estadual do Ceará (UECE), que se dedica a estudar a educação de mulheres na história da educação e já desenvolveu diversas pesquisas publicadas em periódicos, a exemplo de: Célia Goiana (FIALHO; CARVALHO, 2017), Maria Luiza Fontenelle (FIALHO; FREIRE, 2018); Henriqueta Galeno (FIALHO; SÁ, 2018); Neli Sobreira (FIALHO; QUEIROZ, 2018); Célia Goiana (FIALHO; CARVALHO, 2018); Aída Balaio (FIALHO; LIMA; QUEIROZ, 2019); Argentina Pereira Gomes (MENDES; FIALHO; MACHADO, 2019); Zelma Madeira (FIALHO; HERNÁNDEZ DÍAZ, 2020); Iolanda dos Santos Gomes (MENDES, et al., 2020); Rosa Ribeiro (FIALHO; SOUSA; HERNÁNDEZ DIAZ, 2020); Raquel Dias (FIALHO; SANTOS; FREIRE, 2020); Maria Zuíla Morais (LOPES; SOUSA; FIALHO, 2020); Josete Sales (FIALHO; SOUSA; NASCIMENTO, 2020); Maria Helena da Silva (FIALHO; CARVALHO; NASCIMENTO, 2021), Helena Potiguara (PEREIRA; SOUSA; FIALHO, 2021); Ana Carolina Costa Pereira (OLIVEIRA; SOUSA; FIALHO, 2021); Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (FIALHO et. al., 2021); José Honorato Batista Neta (FIALHO; HERNÁNDEZ DÍAZ; FREIRE, 2021); Hilda Agnes Hübner Flores (FIALHO; BRANDENBURG; HERNÁNDEZ DÍAZ, 2021); Irmã Maria Montenegro (CARVALHO; FIALHO; LIMA, 2021); Elisabeth Silveira (FIALHO; SOUSA, 2021) e Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga (FIALHO; COSTA, LEITE, 2022). Junto a esse grupo, foram realizadas leituras que interseccionavam com a temática biografia de mulheres professoras do século XX e, seguindo tais ensinamentos, o presente artigo debruça-se sobre a trajetória de uma professora leiga, que alfabetizou algumas crianças no interior de Quixadá, Ceará, na década de 1970.

Desta feita, o objetivo foi biografar Maria Fernandes, uma mulher descendente de uma família interiorana de Quixadá-CE que, ao se dedicar à alfabetização da filha primogênita, tornou-se professora de outras crianças no lugarejo onde vivia. O estudo trata-se de uma biografia que “[...] é um gênero antigo, que se disseminou tendo por base a noção de bio (bios) e não se ocupa de traçar apenas a “vida”, mas também a “maneira de viver” (DOSSE, 2015, p. 123). Assim, discute-se e encaminham-se reflexões a respeito do cenário educacional cearense na época em tela, a exemplo das dificuldades de ensino, da falta de estrutura escolar e da formação de professores daquela época, já que a escrita biográfica não somente permite conhecer a vida do sujeito na sua particularidade, como também denota aspectos concernentes à história coletiva (DOSSE, 2015).

Esse modelo biográfico é o hermenêutico, o qual é compromissado com a escrita acadêmica e científica e não se limita a escrever sobre a vida no seu sentido singular, mas articula a história de pessoas comuns ao coletivo que o rodeia e situa as suas atuações no tempo e no espaço (LORIGA, 2011).

No caso da presente biografia, o foco é o contexto escolar imbricado à docência de Maria Fernandes, professora leiga, isto é, sem formação específica para o magistério, no decorrer da década de 1970. A escolha do gênero feminino “deveu-se ao interesse nas profundas transformações culturais especificadamente ligadas à feminilidade” (RODRIGUES, 2015). A relevância do estudo consiste em gerar visibilidade à uma mulher interiorana que contribuiu com a educação de crianças de Quixadá-CE, mas que até hoje não teve a sua história de vida documentada, o que aponta que a sua trajetória de vida corrobora o entendimento da história do lugar socialmente ocupado pela mulher interiorana no século passado (BARCELAR, 2006), bem

como a história da educação, já que particularidades atinentes a esse campo do saber podem ser elucidadas a partir da biografia focada em sujeitos educativos (NUNES, 2004).

A massa social permaneceu esquecida e inoperante (THOMPSON, 1992). A história da educação durante muito tempo foi de caráter positivista. Em se tratando de educadoras mulheres, estas sendo figuras públicas ou anônimas, eram desconsideradas, portanto, torna-se necessário compreender a história da educação por meio da biografia de uma mulher, nordestina, interiorana, educadora leiga, possibilitando-nos o reconhecimento da história por meio de outro viés sendo este democrático e buscando apresentar características individuais e regionais. No cenário atual, pesquisar a História da Educação não se restringe ao que foi documentado, importando-se também com o que ficou nas entrelinhas “para dar visão pública aos sujeitos esquecidos ou silenciados e, então, hermeneuticamente reconstituir o contexto socioeducacional desde a história de vida das pessoas (FIALHO; SANTOS; SALES 2019, p. 13).

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa (MINAYO, 1994), já que realça pormenores impossíveis de serem acessados por meio de estudos centrados no universo das operacionalizações quantificáveis, portanto, realizar estudos com informações qualitativas, possibilita conhecer de modo aprofundado os sujeitos da pesquisa de uma maneira dialogada. (MARTINELLI, 1999). A pesquisa é do tipo biográfico (DOSSE, 2015), vertente de estudo que permite conhecer e analisar as vivências de um ou mais sujeitos nos âmbitos público e privado, revelando aspectos econômicos, políticos e sociais. Portanto, tal empreitada é consoante aos preceitos da História Cultural (BURKE, 1992).

O estudo está amparado no uso da memória relativa à educação. Segundo Bosi (1987, p. 47) “a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida”. Assim, lembrança puxa lembrança sendo a memória considerada um cabedal infinito (BOSI, 1987). Portanto, ao se tratar da memória, esta também possui filtros sejam de momentos positivos ou negativos, sendo considerado o que ficou marcado na subjetividade dos indivíduos. Dessa maneira, o estudo buscou utilizar uma relação da compreensão do macrosocial através do microssocial (LORINGA, 2011).

Metodologicamente, o estudo foi efetivado a partir da História Oral como metodologia (MEIHY; HOLANDA, 2007), a História Oral “permite o registro de testemunhos e o acesso a “história dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI, 2005). No que concerne às entrevistas em História Oral, são direcionadas pelo processo dialógico, isto é, que demanda a existência de pelo menos duas pessoas em diálogo, não se tratando apenas de um diálogo, e sim de um processo sendo direcionado por um projeto” (MEIHY; HOLANDA, 2007).

Biografar por meio da História Oral implicou uma narrativa de vida de um sujeito singular (FIALHO; SOUSA; NASCIMENTO, 2020, p. 6). O estudo facultou a entrevista livre com a biografada e com sua filha mais velha, que foi alfabetizada pela mãe na década de 70. A entrevista com Maria Fernandes foi realizada de maneira presencial, sendo esta gravada mediante uso de gravador de voz digital, na sua residência, em 22 de julho de 2022, com duração de 40 minutos. Já a entrevista com a filha (que aqui não será identificada) tratou-se, de fato, de um relato desta através do aplicativo de conversa WhatsApp, também em julho de 2022.

Muito do que é verbalizado ou integrado à oralidade, como gesto, lágrima, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo as expressões faciais- que na maioria das vezes não têm registros verbais garantidos em gravações - pode integrar os discursos que devem ser trabalhados para dar dimensão física ao que foi expresso em uma entrevista em história oral (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 93).

A coleta de dados foi realizada mediante questionário composto por três blocos, a saber: o primeiro, composto por indagações a respeito de informações pessoais da biografada, como nome completo, ano e local de nascimento, nome, profissão e escolarização dos pais e quantitativo de irmãos; o segundo bloco de perguntas girou em torno das condições de vida da biografada durante a infância, sondando acerca da idade em que iniciou os estudos, em qual instituição, como foi o desenrolar da educação básica, quais as principais dificuldades enfrentadas e se houve algum professor que marcou esse ínterim. O terceiro e último bloco questionou sobre as instituições onde a biografada atuou, como foi o seu ingresso na carreira docente, como se desenvolviam as suas aulas e quais dificuldades enfrentou, bem como enxerga as mudanças no campo educacional, se comparado o ontem com o hoje.

A biografada assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, demonstrando ciência na divulgação da sua identidade, mas por questões éticas, optou-se por não divulgar a identidade das pessoas por ela citadas. Por isso, com exceção da biografada, os nomes das pessoas que participaram indiretamente (por fazerem parte da trama que situa a vida de Maria Fernandes) como pai, marido e irmãos, serão todos substituídos por nomes de flores, isto é, fez-se uso de pseudônimos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### A vida de Maria Fernandes

No decorrer de todo o século XX, o acesso à educação formal não era permitido às mulheres, porque acreditava-se que a estas bastavam as prendas do lar e o cuidado dos filhos, o que dispensava o estudo das letras (MAGALHÃES JUNIOR, 2007). Assim, historicamente o grupo feminino, prioritariamente aquele mais empobrecido, somente teve acesso ao saber repassado por meio da cultura, no ambiente privado do lar. Com as mães, aprendiam os manejos do lar e preparavam-se para o futuro casamento e maternidade, caminhos percorridos por todas as mulheres de “boa família”.

As escolas que existiam eram exclusivas para homens, ou seja, para os filhos da classe mais favorecida, enquanto os da classe desfavorecida trabalhavam fora para suprir a prole, quando fosse dono de uma casa. Como discorre Saviani (2008), antigamente só os homens estudavam e somente aqueles detinham o poder, pois antigamente o acesso à educação era exclusivamente para os homens da classe dominante.

Dessa feita, já no século XX, a primeira instituição escolar que abarcou as meninas, a Escola Normal, tinha o objetivo de formar boas mães e donas de casa e, quando muito, professoras, desfecho este nem sempre plausível porque em famílias mais patriarcais, o homem é quem deveria ser o provedor do lar, sendo motivo de vergonha que a mulher exercesse um ofício remunerado (ARAÚJO, 2014). Ainda assim, as mulheres que conseguiam acessar os bancos escolares eram aquelas pertencentes à classe dominante, cujos pais custeavam a formação.

É nesse contexto permeado por uma educação feminina elitista que se situa Maria Fernandes, mulher nascida aos 10 de agosto de 1952, natural de Quixadá-CE, nos dias atuais (2022) aos 70 anos de idade, mãe de dez filhos e residente da região metropolitana de Fortaleza-Ceará. É filha de Atanásio Garcia de Andrade e Raimunda Fernandes Andrade, tendo sido o pai, natural de Rio Grande do Norte (RN), um grande agricultor que se dedicava ao plantio de algodão, mandioca e outros gêneros e Raimunda Fernandes, natural de Quixadá, dona de casa, em consonância com aquela realidade cearense marcada pelo machismo e patriarcalismo, que impingiam a subserviência da mulher ao esposo, inclusive a financeira (ARAÚJO, 2015).

Raimunda faleceu precocemente em virtude de uma leucemia e, assim, Maria Fernandes e os seus cinco irmãos ficaram órfãos. Maria era a mais nova das mulheres e, na época, estava com apenas cinco anos de idade, o que faz com que a biografada não tenha nenhuma lembrança da mãe e o que dela sabe é através de memórias herdadas dos irmãos mais velhos e tias, pois não há registro de sequer um documento fotográfico de Raimunda, dada a impossibilidade de famílias empobrecidas acessarem a tecnologia das câmeras, que à época envolvia alto investimento financeiro (VIEIRA, 2002). O relato de outras pessoas faz com que ela descreva a mãe da seguinte maneira: uma mulher muito bonita, alta, magra, cabelos loiros e longos, olhos azuis, pele morena clara. Para Bosi (1993), a memória herdada pode ser tão verdadeira quanto a memória vivenciada e tem um significado tão profundo quanto aquela. Por isso, essa é uma descrição que, para Maria Fernandes, é como se fosse uma memória de si, pois ela já se impregnou ao seu subconsciente e misturou-se às suas próprias memórias. Acerca desse fato, Bosi (1993) explica que ele é ainda mais comum em pessoas já em idade mais avançada, como é o caso da educadora aqui biografada.

Após perder a mãe na mais tenra idade, Maria Fernandes passou a morar com um dos seus irmãos mais velhos, casado e com família já constituída, no mesmo lugarejo onde ela vivia com os pais. Na prole do irmão, ela foi incumbida pelos afazeres domésticos e pelos cuidados dos sobrinhos, sendo babá, mas o trabalho não era remunerado, o que indica que ela era, após se tornar órfã de mãe, tornou-se mão de obra empregada na casa do irmão, a quem servia principalmente à tia, que também era sua madrinha, conforme narrativa: *Aí quando a minha mãe morreu esse meu irmão me levou para me criar lá com a família dele. A madrinha era quem passava o dia comigo, e me colocava para ajudar ela nas coisas de casa. Era lavar louça, limpar casa, lavar roupa* e, principalmente, *“cuidava dos meus sobrinhos. Cuidei de todos eles. Eram como se fossem meus filhos, porque mal nasciam e eu já ficava com eles, me apegava mesmo”*. E como não recebia nenhuma remuneração em troca, Maria Fernandes (22 de julho de 2022) explica que *“ganhava roupas, sandálias, ganhava as coisas que eu precisava”*.

Acerca desse contexto de exploração vivido por Maria Fernandes logo na infância, que inclusive à época não era assim compreendido, Sousa e Fernandes (2019) esclarecem que era corriqueiro naquele íterim, sendo mais comum que pessoas mais favorecidas economicamente levassem crianças de famílias mais empobrecidas para que estas servissem de mão de obra em troca, muitas vezes, somente da comida, em situação análoga à escravidão. No Ceará, inclusive, as meninas interioranas, ainda quando crianças, eram levadas para a capital, Fortaleza, onde se tornavam empregadas da elite econômica cearense e, assim, perpetuava-se a condição de exploração de uma classe por outra, sendo parca a possibilidade de quebrar esse ciclo (FUND, 3 marías).

No caso de Maria Fernandes, ainda que ela não tenha saído do interior onde nasceu e vivia com a família, surpreendente é o fato de o próprio irmão e a madrinha dela serem os responsáveis pela sua subjugação e exploração da sua força de trabalho. Esse jogo de poder (explorado e explorador) não é assim compreendido por Maria Fernandes (22 de julho de 2022),

que a despeito das dificuldades vividas, sentenciou: “Morei muitos anos com eles, até ficar grandinha. Sou muito grata a eles”.

Já perto de atingir a mocidade, por volta dos 12 anos, Maria Fernandes voltou para a casa do pai, mas agora, como não se afeiçoava aos cuidados do lar, decidiu dedicar-se à agricultura junto ao pai e aos irmãos homens. A sua opção por se dedicar a um ofício que exigia mais esforço físico, ao invés de ficar em casa, como acontecia quando vivia na casa do irmão, deve-se ao fato de ela, desde muito pequena, foi imbuída nos afazeres domésticos, em relação aos quais nutriu desafeto e quando viu a possibilidade de não mais exercê-los, assim o fez, como ela mesma memorou: “Era muito ruim ficar na cozinha, limpar casa. Eu preferia ir para o roçado com o meu pai, os meus irmãos e outros trabalhadores mesmo” (Maria Fernandes, 22 de julho de 2022).

Tal proximidade à atividade associada ao masculino por envolver a força física não era uma exceção de Maria Fernandes, pois ainda que fosse habitual que as mulheres restringissem-se ao campo privado, no interior de todo o Brasil, elas também trabalhavam na lavoura para garantir o sustento da prole (PERROT, 2005). Portanto, o discurso que alega que a mulher passou toda a vida no âmbito privado não se sustenta quando analisamos a realidade de mulheres pobres e interioranas, que não tinham outra opção senão o trabalho com a terra para dela tirar o próprio sustento. Dessa feita, a depender da classe social, as mulheres podiam ou não trabalhar na agricultura, já que as suas necessidades eram superiores à divisão social do trabalho entre o público feminino e o masculino.

No caso de Maria Fernandes, há que se considerar que a sua condição familiar não era das mais precarizadas, já que o pai tinha posse de grandes extensões de terras produtivas e de animais como boi e porco, dedicando-se à agricultura e à agropecuária de forma simultânea. Mas, apesar dessa distinção social naquele contexto específico marcado pela miséria, eram os próprios donos de terras e de gado que ficavam à frente dos trabalhos braçais, e assim, o pai de Maria Fernandes não fugia à regra.

No que concerne à escolarização formal, esta era inexistente no interior do Ceará, de tal maneira que somente eram escolarizados aqueles mais abastados que eram enviados para a capital, onde havia prédios escolares (SOUSA, 1961). Assim, na ausência de escola, o pai de Maria Fernandes assegurou os seus estudos mediante pagamento a uma senhora pouco escolarizada da região, que dava aulas particulares para aqueles cujos pais podiam pagar sob o intuito de alfabetizar, o que demarca, mais uma vez, a distinção social do seu berço familiar, que podia investir financeiramente para que ela tivesse acesso às letras. Curioso é o fato de o pai da biografada, analfabeto e vivendo exclusivamente do trabalho com a terra e da criação de animais, ter a preocupação de escolarizar os filhos, diferindo dos outros chefes de família, que ao compreenderem a prescindibilidade do ensino naquele cenário do sertão central cearense, não investiam na escolarização dos filhos, ao contrário, viam como perda de tempo o acesso a um conhecimento que não dialogava com as suas necessidades imediatas (SOUSA, 1961).

Com essa senhora que centrava foco na alfabetização das crianças, a biografada aprendeu o básico no que se refere à leitura e à escrita e, mais tarde, quando já se encontrava no início da adolescência, ela continuou os estudos com um tio-avô, com quem aprendeu as quatro operações matemáticas e, efetivamente, ler e escrever, já que a primeira professora ensinou-lhe de forma muito superficial. Nessa época, o Governo iniciou o programa de alfabetização em massa denominado Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), em resposta ao ensino crítico de educadores populares nos interiores do país, cujo maior idealizador foi Paulo Freire (SAVIANI, 2008). Essa grande empreitada do Governo Militar teve o intento de ceifar a possibilidade de uma educação contextualizada com os interesses dos grupos menos favorecidos economicamente e que os levassem a questionar a condição de exploração a qual encontravam-se subjugados, e

assim, a escolarização organizada por esse movimento educador era de caráter tradicional e bancário, não visando à formação do indivíduo, mas a sua adestração a um sistema que se alimentava da sua falta de consciência (GADONI-COSTA; DELL'AGLIO, 2009).

O Mobral também era uma forma de ensino na própria casa do professor, como era a “escola” da primeira professora de Maria Fernandes. Através desse programa, a educação desenrolava-se em turmas multisseriadas e só ofertava até a segunda série, o que, para aquela realidade do interior, era um grande avanço. Nessa sistematização escolar, o Governo só pagava o salário do professor, que era encarregado pelo espaço de ensino, e os pais responsabilizavam-se pelos materiais didáticos, quando podiam; e quando não tinham condições, o aluno somente frequentava a escola e escutava as atividades, não sendo possível a prática.

Por intermédio dessa iniciativa, Maria Fernandes estudou até a segunda série do primeiro grau, hoje denominado 2º ano do ensino fundamental e o material utilizado era a cartilha do ABC e a tabuada, instrumentos inseridos na realidade escolar cearense através da Reforma da Instrução Pública do estado, promovida em 1922 por Lourenço Filho, um dos maiores célebres do movimento da Escola Nova no Brasil e no Ceará (VIEIRA, 2002). A referida Cartilha foi pensada para a realidade de São Paulo, cidade natal do seu idealizador, não tendo sido adequada à realidade dos alunos cearenses quando foi apresentada a esse estado nordestino. Assim, a educação acessada nos bancos de onde deveria ser a escola era distante da realidade vivenciada cotidianamente, de tal modo que, segundo Sousa (1961), os alunos interioranos estudavam textos que não dialogavam com os seus contextos e aprendiam a escrever e a soletrar, por exemplo, a palavra “uva”, fruta que eles sequer conheciam.

A metodologia usada pelo professor era a tradicional. Ele copiava no caderno e as crianças copiavam depois; os pais compravam a carta do ABC, a tabuada, o lápis e o caderno; os alunos sentavam-se nos tamboretos ao redor de uma mesa que tinha na casa do professor. Nessa forma de escolarização técnica e descontextualizada, Maria Fernandes aprendeu a ler textos sem fluência, a escrever o nome completo, as operações matemáticas, sendo que a adição e a subtração ela sabia armar e efetuar, e as demais operações eram vistas só na oralidade, fazendo a leitura na tabuada:

*Era uns tamboretos que tinha lá, aí a gente sentava e estudava. O professor escrevia a tarefa do dia e pedia para a gente repetir, e era assim. Aprendi a escrever o meu nome completo e a ler desse jeito. A somar e diminuir também, mas o resto eu falava, olhava na tabuada. A tabuada, o caderno, a Cartilha, os pais que compravam. Não tinha nada de graça não, como é hoje. Se os pais não tivessem com o que comprar, não estudava direito (Maria Fernandes, 22 de julho de 2022).*

Em 13 de dezembro de 1969, Maria Fernandes casou-se com Cravo, após pouco tempo de namoro, pois os namoros nesse contexto histórico, sempre vigiados pelos pais, eram curtos e vigiados (LOURO, 2001), como ela mesma explicou: “Quando o meu namorado chegava lá em casa, à noite, a gente não podia ficar só. Ficava na sala eu de um lado, o namorado do outro e o meu pai no meio, direto. Só podia pegar na mão, e não era direto” (Maria Fernandes, 22 de julho de 2022). Esse controle sobre a mulher devia-se ao fato de que, quando estas se envolviam sexualmente com um homem antes de consumir o casamento, manchavam a própria imagem e a de suas famílias, o que justifica a assiduidade do pai de Maria Fernandes em vigiar o namoro da filha, impedindo até que ela tocasse a mão do namorado (FIALHO; QUEIROZ, 2018).

Além do controle exacerbado, os namoros não podiam alongar-se por muito tempo, e assim, o namoro de Maria Fernandes e Cravo culminou em casamento, quando ela tinha apenas

17 anos de idade. O matrimônio, do qual resultaram dois filhos – uma menina e um menino, não vingou, sendo Maria Fernandes vítima do abandono do marido, quando estava grávida do segundo filho. Naquela época, uma mulher divorciada não era bem vista pela sociedade e, assim, ela sofreu desprezo do ex-marido, que havia fugido com outra, uma sobrinha de Maria Fernandes.

Sem condições de se sustentar, sai de casa e retorna à casa do pai, que talvez por preconceito, não a aceitava com dois filhos e a obrigou a dar o próprio neto no ato do nascimento, alegando que se ficasse com a criança, ela não iria trabalhar e ele não iria sustentar dois filhos; a menina já era grandinha e não seria um obstáculo na vida deles, portanto, poderia ficar. Esse momento foi narrado pela biografada, que se emocionou ao lembrar as palavras do pai: “*Eu não tinha para onde ir e tive que voltar para a casa do meu pai, mas ele disse que eu tinha que dar o meu filho. Eu não queria dar, queria criar o meu filho junto a minha filha, queria os dois, mas o meu pai obrigou (Choro)*” (Maria Fernandes, 22 de julho de 2022).

Então, uma vez obrigada a atender à imposição do pai, Maria Fernandes recorreu à Margarida e Girassol, que seriam os padrinhos da criança e solicitou que eles cuidassem do filho. Eles acordaram que ficariam com o menino, tendo sido combinado que a mãe biológica poderia visitá-lo quando quisesse. Sobre esse momento, ela disse que:

*Querida muito ficar com meu filho, mas papai não me aceitava com mais um filho. Entreguei meu filho chorando, sofri tanto, mas não podia fazer nada, meu pai não queria, o pai deles não me ajudava com nada. Ia sempre visitar meu filho, mas a mãe adotiva não estava mais aceitando, ela ficava com ciúmes, então venderam tudo e foram morar em Fortaleza. E desse dia pra cá, não vi mais ele* (Maria Fernandes, 22 de julho de 2022).

Vivendo na casa do pai, Maria Fernandes trabalhava na agricultura junto com o pai, os irmãos e os demais trabalhadores, enquanto a filha ficava em casa com uma tia chamada Tulipa, que cuidava da alimentação de todos da casa e dos trabalhadores. Era Tulipa quem ficava restrita às atividades do lar, encarregada pela alimentação e manutenção da casa enquanto os demais estavam fora garantindo o sustento da prole, incluindo o da filha de Maria Fernandes, já que o seu pai a havia abandonado e não garantiu o seu sustento em nenhuma fase da sua vida. Diferentemente dos tempos atuais, mas não há muito tempo, quando o casal separava-se, era a mulher quem ficava prejudicada, pois além de ficar responsável pela criação dos filhos sozinha, era deveria cuidar para garantir o sustento (ALMEIDA, 1998). Maria Fernandes não ficava o tempo inteiro em casa, mas trabalhava para conseguir dinheiro para sustentar a filha.

Anos depois, ela conheceu Lírio, um caixeiro viajante muito galanteador que tinha várias namoradas em todas as cidades por onde passava. Lírio viajava com o seu pai por cidades mais afastadas do Nordeste comercializando frutas e Quixadá era uma das cidades por onde eles passavam e ficavam hospedados por alguns dias, já que as suas viagens eram longas e cansativas. Então, em meio às estadias de Lírio no sertão central, ele começou a namorar Maria Fernandes, encontrando-se uma ou duas vezes ao mês e, nesses encontros, Maria Fernandes engravidou mais uma vez, e desta, o pai a colocou para buscar o pai da criança e construir uma família, na tentativa de amenizar a imagem negativa de ter uma filha sem esposo e com duas crianças.

No entanto, Maria Fernandes e Lírio viveram juntos durante pouco tempo, mas o suficiente para a filha nascer, e quando esta ainda era bebê, eles separaram-se porque Maria Fernandes não suportava as brigas, pois Lírio era alcoólatra e passava a semana fora bebendo e as deixavam em casa, muitas vezes, sem dinheiro para alimentação. Nessa situação, ela voltou para a casa do pai com as duas filhas e o pai, desta vez, diferentemente de outrora, aceitou-as e



ajudava na alimentação das netas. Agora, ela ficava em casa cuidando da filha bebê e dos afazeres domésticos, não mais envolvendo-se com o ofício na agricultura, atividade que ela até preferia, mas já não era viável para uma lactante.

Um fato interessante nesse enredo é que o pai de Maria Fernandes, que não a aceitou com os dois filhos, alegando não querer sustá-los, obrigando-a a doar o filho mais novo, quando a história repetiu-se, teve um final diferente, porque com duas meninas, Maria era bem vinda. A rejeição dele pelo neto seria talvez porque o último filho era do gênero masculino, o que demonstra a sua não afeição com o gênero masculino, diferente do que era comum à época, pois as famílias preferiam filhos homens para que estes pudessem ajudar na lavoura e assegurar o trabalho braçal (VIEIRA, 2002).

Foi em casa, com as duas filhas, que a docência leiga de Maria Fernandes teve início em Quixadá, interior cearense marcado pela ausência de investimento público em educação, conforme veremos adiante.

### Docência em Quixadá-CE

O ofício docente de Maria Fernandes iniciou quando ela tornou-se professora da filha primogênita, a quem ensinou a ler antes mesmo desta ingressar na escola, pois, mesmo naquele contexto onde o conhecimento das letras era dispensável e, muitas vezes desprezível, Maria Fernandes valorizava os estudos, conforme narrativa: “*Eu tinha medo de que a minha filha fosse igual aos meus irmãos e meus tios (analfabetos), não queria aquilo pra ela, não queria que a minha filha fosse burra*” (Maria Fernandes, 22 de julho de 2022). O termo “burra”, hoje visto como pejorativo, é empregado por Maria Fernandes para se referir às pessoas que não sabiam ler e escrever. A filha de Maria Fernandes, por sua vez, certificou o entendimento da mãe, ao narrar que “*Ela (a mãe) falava muito que eu tinha que estudar, aprender a ler para ser gente*”.

Um dia, uma vizinha notou a sua forma de ensinar à filha e a contratou para dar aulas também para os seus filhos. Em troca, a biografada não recebia dinheiro, mas ganhava um litro de leite por dia, alimento que auxiliava no sustento da filha menor, que ainda era bebê. Assim, Maria Fernandes começou a exercer a profissão de professora leiga, que se trata de um ofício sem que tenha havido formação específica para o magistério (MORATTI, 2000) e, agora, ela lecionava para quatro crianças: a sua filha e três da vizinha. Ela animou-se com a ideia, foi a até a bodega do irmão que se chamava Floriano e comprou o material necessário para começar a ensinar as crianças, incluindo na compra a carta do ABC e a tabuada, que não eram distribuídos pelo Estado, mas comercializados em armazéns locais, até mesmo do interior (SOUSA, 1961).

Nesse tempo, já havia casa-escola, que eram estabelecimentos de ensino que funcionavam nas casas dos professores, mas com um pouco mais de investimento público para a estrutura. Mas esses espaços eram localizados muito distantes do interior quixadaense, e como aquele contingente populacional não detinha de um transporte, era preferível que, aqueles que podiam, pagassem alguém para ensinar as primeiras letras aos filhos. Maria Fernandes era a única professora da região, ensinando às crianças de cinco a sete anos de idade, ou seja, de forma multisseriada, conforme o método mútuo ou simultâneo, empregado no Brasil nos primórdios da escolarização formal (GONDRA; SCHUELER, 2008).

Nessa época, não havia educação infantil – ora, sequer existia escola naquela região esquecida pelo poder público; e os pais, quando letrados, ensinavam aos filhos em casa, até que chegasse o período de frequência à escola (como era o caso de Maria Fernandes). Ao ser indagada sobre a metodologia de ensino por ela utilizada, Maria discorreu:

*Eu ensinava o que aprendi, o alfabeto, a escrever o nome completo, os números, a somar e a subtrair. Quando as crianças já sabiam as letras do alfabeto, eu ensinava as sílabas, as palavras, as frases. Eu estudei pouco, mas meus alunos saíam lendo palavras, frases até textos pequenos (Maria Fernandes, 22 de julho de 2022).*

Portanto, ainda que não escolarizada em curso Normal, já que somente as moças mais abastadas contavam com essa possibilidade de formação, Maria Fernandes seguia um processo de ensino baseado na progressão (primeiro as letras, depois as sílabas, depois as palavras e, por último, os textos), tal como se efetiva o processo de alfabetização nos tempos atuais (ALMEIDA; MENEZES, 2021).

Sobre esse processo, ela explicou, ainda, que escrevia no caderno e os alunos copiavam, tiravam a mostra, muitas vezes pegava na mão das crianças para ensinar a cobrir, o que demonstra uma prática embasada pelo ensino tradicional (GONDRA; SCHUELER, 2008). Mencionou também, que para fixar as letras, ela fazia uma rodinha de papel, colocava em torno da letra e passava pelas cadeiras perguntando que letra era. Era também seguindo essa técnica que ensinava os números até 20, falava o número, depois cobria e ia perguntando, até que os alunos aprendessem.

Como não havia recursos pedagógicos que auxiliassem o processo de alfabetização, Maria Fernandes inventou um: em um papel, escrevia todas as letras do alfabeto e, para que os alunos focassem em uma letra de cada vez, fazia um recorte em um pedaço de papel, de modo que só ficasse à mostra a letra em questão, a qual o aluno deveria apreender. Maria Fernandes reproduziu esse mecanismo, que segue exposto:

### Imagem 1 – Método de alfabetização de Maria Fernandes



Fonte:  
pesquisadoras (2022).

Acervo das

Conforme Imagem 1, verifica-se que o pedaço de papel com um orifício é posicionado sobre a letra “I”, realçando-a em relação às demais letras do alfabeto; e era justamente a letra situada nessa posição que a criança deveria assimilar. Para melhor exemplificar qual era o método utilizado pela biografada, foi utilizado um alfabeto em E.V.A., mas naquela época esse era um

material que não chegava à realidade precarizada do interior, o que fazia com que Maria Fernandes tivesse que escrever o alfabeto à mão a cada vez em que ia ensinar aos alunos.

Depois que percebia que as crianças já sabiam as letras do alfabeto e o nome completo, ela ensinava as sílabas. Também copiava palavras pequenas no caderno, ensinava a eles a separar sílabas e, nessa separação, pedia que fossem juntando as sílabas das palavras para aprenderem a ler. Depois que aprendiam a ler palavras, passava ditado das palavras. Na matemática, só ensinava a somar e a subtrair no papel, as outras operações eram estudadas na própria tabuada. Ela armava a conta no caderno e as crianças iam somar ou subtrair de cabeça e colocava no papel. Pedia para estudar em casa a tabuada e a carta do ABC, que era o único material didático existente à época (VIEIRA, 2002). Sobre esse assunto, a filha da biografada rememorou:

*Eu me recordo que ela pegava as crianças totalmente do zero e ensinava a ler. Lembro também que ela começava pelas vogais, ensinava o alfabeto, tinha que saber as letras maiúsculas e minúsculas, e ensinava também como usá-las. Eu aprendi rápido, era muito interessada, lia os rótulos dos produtos, placas nos muros. Quando eu sabia, eu escrevia num papel e ia perguntar a ela, às vezes, nem ela sabia.*

Observa-se que Maria só ensinava aquilo que aprendera quando criança, só repetia aquilo lhe ensinaram. Segundo Saviani (2008), é justamente isso o que caracteriza a docência articulada por uma professora leiga, que não obteve formação para o magistério, mas tece-a conforme o saber da experiência.

Acerca do comportamento dos alunos, Maria Fernandes disse que eles “*eram bons, eram educados, mas quando a minha filha não queria ler ou fazer alguma coisa, eu batia nela com a palmatória, colocava de castigo. Com os outros não, eles me obedeciam e faziam as tarefas*” (Maria Fernandes, 22 de julho de 2022). Esse era um diferencial, pois o natural era que o artifício do disciplinamento através da palmatória fosse empregado com todos os alunos, e não somente para com os filhos dos professores (VIEIRA, 2002). A filha de Maria contou um episódio no qual foi castigada pela palmatória, por não escrever com uma grafia tão boa quanto a mãe exigia: “*Minha mãe reclamava muito da minha grafia, minha letra era muito grande. Um dia, ela reclamou tanto, que pediu que eu abrisse a mão para dar uns bolos de palmatória, eu não abri e ela bateu nos meus dedos, doeu tanto*”. A metodologia dela era bem tradicional, mas os alunos aprendiam com ela. Para a época, ela alfabetizava super bem, mas o método de ensinar não era muito humano, era bem rígida.

Imbuída nesse modelo educativo rigoroso, a filha da biografada teve um desfecho positivo com a mãe, que contou: “*Minha filha, quando chegou na escola já sabia a ler, e ela só tinha seis anos, ela era a única que sabia ler frases e até pequenos textos. Fizemos até um teste para avançar ela, mas não me lembro se isso aconteceu*” (Maria Fernandes, 22 de julho de 2022). Portanto, certifica-se que, ainda que Maria Fernandes utilizasse de técnicas de castigo físico, o fim da educação era consolidado e a leitura e a escrita era efetivada ao final da escolarização.

Em face da ausência de um espaço escolar, o ambiente onde Maria Fernandes ensinava era na sua própria casa. Lá, havia uma mesa grande de madeira e bancos; não existia quadro negro, por isso ela ensinava escrevendo nos cadernos das crianças. E apesar das dificuldades postas, ali as crianças aprendiam a escrever, a ler palavras, frases e textos curtos. Acerca do processo de alfabetização com a mãe, a filha de Maria Fernandes ratificou o discurso da mãe:

*Quando eu cheguei na escola, eu já sabia ler, lia pequenos textos, escrevia meu nome, nome da minha mãe, da minha irmã e das minhas tias, também sabia*

*somar no papel, as outras operações eu só sabia na cabeça, não me recordo se minha mãe ensinava. Fui para escola antes dos sete anos, fui direto para a 1ª série, mesmo assim, eu era a única que sabia ler da sala (Filha da Maria Fernandes, 22 de julho de 2022).*

A carreira do magistério de Maria Fernandes foi interrompida quando ela resolveu mudar-se definitivamente para a terra natal do pai da segunda filha, Cascavel-CE. E então, não mais voltou a lecionar, tendo dedicado a vida ao comércio de confecções e à agricultura, seja com o marido, seja sozinha, quando este faleceu precocemente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se biografar Maria Fernandes, uma mulher descendente de uma família interiorana de Quixadá-CE, que ao se dedicar à alfabetização da filha primogênita, tornou-se professora de outras crianças no lugarejo onde vivia. O intento foi alcançado mediante entrevista livre em história oral com a biografada, e contato, via WhatsApp, com a citada filha de Maria Fernandes.

Asseverou-se que Maria Fernandes foi uma mulher descendente de família relativamente distinta do interior cearense, já que ela conseguiu estudar pelo menos até se alfabetizar, realidade não comum à época, marcada pela alta taxa de analfabetismo. No âmbito de sua vida privada, tornou-se nítido que Maria Fernandes teve uma infância difícil, marcada pelo falecimento da mãe nos primeiros anos de sua vida e a posterior estadia da biografada na casa de um dos seus irmãos mais velhos, que a utilizava como mão de obra não remunerada. Tendo retornado à casa do pai, começou namorar e logo se casou com um rapaz da região, mas foi abandonada com dois filhos pequenos, situação de abandono que não foi marcada pelo apoio do pai, já que este a obrigou a doar o próprio filho.

Sem o apoio do ex-marido para sustentar a filha, a biografada teve que se dedicar à agricultura, até porque era por ela preferível por não se afeiçoar aos trabalhos do lar em face dos muitos anos em que foi explorada na casa do irmão. Apesar das dificuldades, Maria Fernandes teve acesso à escolarização porque o pai investiu na sua escolarização, pagando a uma professora da região e, assim, ainda que detivesse pouco conhecimento do mundo letrado, ela era uma das poucas que sabiam ler e escrever e, assim, ao se dedicar ao processo de alfabetização da filha mais velha, tornou-se professora leiga daquele lugar onde não havia escolarização fomentada pelo governo. As suas práticas em sala de aula denotam uma conduta marcada pela educação tradicional, vertical e mnemônica, que se amparava nos castigos físicos para garantir a aprendizagem.

A trajetória dessa mulher comum, sem posses, interiorana e marcada por dificuldades, não é única, ao contrário, denota alguns dos aspectos mais corriqueiros da época em questão – a década de 1970. A sua docência leiga, inclusive, assevera a realidade das cidades mais afastadas do Ceará, do Nordeste e de todo o Brasil, as quais não eram foco de investimento público e qualquer um que tivesse um pouco mais de conhecimento em relação à maioria, poderia lecionar em troca de dinheiro, de algum objeto ou de alimentação.

Conclui-se que a sua biografia é essencial para descortinar pormenores da educação no interior do Ceará, no ínterim da década de 1970, como a ausência de investimento público em educação, em formação de professores e em material didático, o que resultava no não acesso aos bancos escolares pela população mais empobrecida. Ademais, tendo em vista que este se tratou de

um estudo biográfico restrito a um caso particular, de uma mulher singular, ressalta-se a importância de serem desenvolvidos outros estudos biográficos focados em outros contextos do Brasil a fim de corroborar o conhecimento da História da educação aqui iniciados.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, Carla (Org.). Fontes históricas. São Paulo, Contexto, 2005.

ALMEIDA, Elaine. Vieira de; MENEZES, Eliziete Nascimento de. Alfabetização: possibilidades e limitações de práticas emergentes do ensino remoto. **Ensino Em Perspectivas**, 2(3), 1-11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6041>. Acesso em: 29 ago. 2022.

ALMEIDA, Jane. Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **A tradicional Escola Normal Cearense chega ao Bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias (1958-1950)**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

BARCELLAR, Carlos. Fontes documentais. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, v.4, n.2, São Paulo, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; LIMA, Ana Michele da Silva. Irmã Maria Montenegro como gestora escolar: da escolarização elitista à educação dos pobres no Ceará (1969-1987). **Acta Scientiarum. Education**, v. 43, n. 1, p. e55406, 29 nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/55406>. Acesso em: 20 set. 2022.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. Hilda Agnes Hübner Flores: história da educação de uma interiorana descendente de boêmios (1939-1955). **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 30, n. 63, p. 207-222, 29 set. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/10966> Acesso em: 20 set. 2022.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. Formação profissional da educadora Maria Lília Imbiriba Sousa Colares. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 392-415, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9387. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9387>. Acesso em: 16 dez. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; FREIRE, Vitória Chérída Costa. Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luiza Fontenele (1950-1965). **Cadernos de História da Educação**, v. 17, p. 343, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43290>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; LIMA, Ana Michele da Silva; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra. **Educação Unisinos**, v. 23, p. 48-67, 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.231.04>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Maria Neli Sobreira: história e memória da educação em Juazeiro do Norte. **Educar em Revista**, v. 34, p. 67-84, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-40602018000400067&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602018000400067&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SÁ, Évila Cristina Vasconcelos de. Educadora Henriqueta Galeno: a biografia de uma literata e feminista (1887- 1964). **História da Educação**, v. 22, p. 169-188, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/75182>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTOS, Hannah Franklin dos; FREIRE, Vitória Chérída Costa. Biografia da Professora Raquel Dias Araújo: um olhar sobre a docência universitária e a militância política. **History of Education in Latin America - HistELA**, v. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/20562/12765>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; NASCIMENTO, Lorena Brenda Santos. Biografia da educadora Josete Sales: reflexos da formação de professoras no Ceará. **Roteiro**, v. 45, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23790>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Náhiry Maria Clarindo de; HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência. **Revista Cocar**, v. 8, p. 371-387, 2020. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/3083>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; CARVALHO, Scarlett O'hara Costa. História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 22, p. 137-157, 2017.

Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/992>.

Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; NASCIMENTO, Lorena Brenda Santos. Memórias de Maria Helena da Silva: licenciatura em Pedagogia em tempos de ditadura (1966-1970). **Cadernos de Pesquisa**, v. 28, p. 335, 2021. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/14922>.

Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. Maria Zelma de Araújo Madeira: memórias de formação e resistências da docente universitária negra. **Revista Diálogo Educacional**, v. 20, p. 775-796, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/26441>. Acesso em: 28

abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. Irmã Elisabeth Silveira e a educação feminina no Colégio da Imaculada Conceição, Fortaleza-CE. **Revista Diálogo Educacional**, v. 21, p. 191-316, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/27388>. Acesso em: 28

abr. 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; NASCIMENTO, Lorena Brenda Santos. Memórias de Maria Helena da Silva: licenciatura em Pedagogia em tempos de ditadura (1966-1970). **Cadernos de Pesquisa**, v. 28, p. 335, 2021. Disponível

em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1492>

[2](http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1492). Acesso em: 20 set. 2022.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; COSTA, Maria Aparecida Alves da; LEITE, Hugo de Oliveira. Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga: trajetória educativa e formação para a docência (1970-2015). **Momento - Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 31, n. 01, p. 203-227, 2022. DOI: 10.14295/momento.v31i01.13775. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/13775>. Acesso em: 20 set. 2022.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; HERNÁNDEZ DÍAZ, José María; FREIRE, Vitória Chérida Costa. História da Educação na biografia da transexual José Honorato Batista Neta. **Foro de Educación**, v. 19, n. 2, p. 289-293, dez. 2021. Disponível em:

<https://www.foroeducacion.com/ojs/index.php/fde/article/view/796>. Acesso em: 20 set. 2022.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; SALES, José Albio Moreira de (2019). Pesquisas biográficas na história da educação. **Cadernos De Pesquisa**, 26 (3), 11-29, 2019. Disponível em:

<http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/12743>. Acesso

em: 15 set. 2022.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; NASCIMENTO, Lorena Brenda Santos. Biografia da educadora Josete Sales: reflexos da formação de professoras no Ceará. **Roteiro, /S. l./**, v. 45, p. 1-22, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23790>. Acesso em: 20 set. 2022.

FIALHO, Lia. Machado. Fiuza; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Maria Neli Sobreira: história e memória da educação em Juazeiro do Norte. **Educ. rev.** v.34, n.70, pp.67-84, 2018.

Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S010440602018000400067&lng=pt&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010440602018000400067&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 21 set. 2022.

GADONI-COSTA, Lila Maria; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Mulheres em situação de violência doméstica: vitimização e coping. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, v. 2, n. 2, p. 151-159, dez. 2009. Disponível em

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198382202009000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198382202009000200010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 set. 2022.

GONDRA, José, Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e Sociedade no Império Brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

LOPES, Tânia Maria Rodrigues; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Maria Zuíla e Silva Morais: pioneirismo e protagonismo na fundação da Apae de Juazeiro. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, v. 9, p. 89-108, 2020.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/35197>. Acesso em: 29 abr. 2021.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOURO, Guacira. Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443 - 481.

MAGALHÃES JUNIOR, Antônio. Germano. História, Política e Memória: necessidades humanas em exercício constante. **Formação e Práticas Docentes**. Fortaleza: EdUECE, v. 1, 2007, p.53-61.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MENDES, Márcia Cristiane Ferreira; COSTA, Maria Aparecida Alves da.; BRANDENBURG, Cristine; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Iolanda dos Santos Mendonça: a participação das mulheres em movimentos indígenas (1970-2000). **Cambios y Permanencias**, v. 11, p. 828-853, 2020. Disponível em: <https://revistas.uis.edu.co/index.php/revistacyp/article/view/11094>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MENDES, Márcia Cristiane Ferreira; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. Argentina Pereira Gomes: disseminação de -inovações- didáticas na educação primária na década de 1930. **Revista Diálogo Educacional**, v. 19, p. 527-550, 2019. Disponível



em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/24959/23519>.

Acesso em: 28 abr. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORTATTI, Maria do Rosário. Longo. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. **Cadernos Cedes**, v.20, n.52, p. 41-54, 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a04v2052.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

NUNES, Lúcia. Prefácio. In: FIALHO, Lia Machado, Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos; ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo; SANTANA, José Rogério (Orgs.). **Ensaio de memórias e oralidades**. Fortaleza: Edições UFC, 2014, p. 11-17.

OLIVEIRA, Adriana Nogueira de; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Protagonismo de Ana Carolina Costa Pereira no campo da educação matemática. **Revista Cocar**, v. 15, n. 33, 2021. Disponível

em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4912>. Acesso em: 20 set. 2022.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; SOUSA, Ana Carolina Braga de; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Helena Potiguara: biografia da educadora indígena (1954-2009). **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. esp.3, p. 1386-1403, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16iesp.3.15288. Disponível

em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15288>. Acesso em: 16 dez. 2021.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

RODRIGUES, Rui Martinho. Biografia e gênero. In: FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (Orgs.). **Biografia de mulheres**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; FERNANDES, Francisca Risolene. Análise de conteúdo de “As três Marias” e a instrução feminina cearense: práticas educativas, vigilância e transgressão. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3484>. Acesso em: 20 set. 2022.

VIEIRA, Sofia Lerche. **História da Educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

**Submetido em:** setembro de 2022

**Aprovado em:** dezembro de 2022